

ROMANCES DESENCONTRADOS

Combinar matéria local ao molde europeu do romance foi um desafio para os grandes escritores brasileiros que inauguraram o período romântico, e há ainda hoje um traço permanente desse aspecto em nossa cultura. A *Senhora*, Aurélia, de Alencar, tem em seus arrufos grandiloquentes algo de disparatado, de descabido e de contraditório. Comprando o casamento por meio de negociação escusa, a menina pobretona enriquecida por herança, que então se vinga do amado que a abandonara por um dote mais atraente, acaba por encenar uma afetação de princípios liberais e humanistas em contraste cômico com o movimento circunstancial do romance. Assim, discurso dramático e ressentido aparece cercado de personagens menores, cuja configuração lembra *Memórias de um sargento de milícias*. A contradição dos “princípios” frente a uma sociedade escravista faz o fundo desse sentimento de desencontro, que levava Alencar a se desculpar da pequenez de seus romances, argumentando estar condicionado ao “tamanho fluminense”.

Com a caracterização desse quadro em *Ao vencedor as batatas*, Roberto Schwarz observa o paradoxo: o avanço estético de Machado de Assis dependeu de um recuo ideológico como modo - não plenamente bem sucedido - de resolver esses desajustes. O Machado de Assis menor, da primeira fase, com a racionalização do paternalismo, procura adequar a realidade social e ideológica do país aos seus enredos. O resultado não é dos melhores: *A mão e a luva*, *Helena e Iaiá Garcia* têm em comum a expectativa em chave subserviente de que a classe dominante possa oferecer um tratamento digno aos seus dependentes. Mas a decepção crescente anuncia a grande virada de Machado de Assis. *Iaiá Garcia* encerra esse período como um romance abafado, em que a situação subalterna ao favor de seus protagonistas quase paralisa o enredo para que eles possam manter sua dignidade num meio em que a sobrevivência do trabalhador livre estava plenamente condicionada aos caprichos e interesses dos poderosos.

O romance ter existido no Brasil antes de haver romancistas brasileiros é o motivo condutor da abordagem de Roberto Schwarz. Tal constatação é núcleo de ressonâncias complexas, que atingem em âmbito amplo a condição colonial do país e o estatuto de sua formação cultural, cuja síntese sob forma de metáfora aparece na inquietante e desconfortável expressão “idéias fora de lugar”. Para deixar logo de lado a polêmica que essa expressão causou no momento da pu-

blicação de *Ao vencedor as batatas* no final dos anos 70, e que ainda perdura, podemos lembrar que o autor não a professa como um diagnóstico pelo qual teoricamente se responsabilize, mas que a utiliza como forma de indicar a auto-imagem do país. Apesar do alcance genérico e ainda hoje permanente, tal como o autor a menciona em outros ensaios, no contexto desse seu trabalho de crítica literária, a expressão é situada no século XIX, particularmente na contradição experimentada pelos estratos intelectualizados, que conviviam com a simultaneidade disparatada da ideologia liberal dominante e da aberração escravocrata, ou, em outros termos, entre a dependência de origem que disseminava em solo brasileiro as idéias européias sobre trabalho livre como valor humanista e a presença do escravo nos serviços... - para usar uma imagem - da sala de jantar, onde tais idéias eram cotidianamente discutidas .

Para exemplificar a complexidade e a sutileza desse trabalho, podemos citar um detalhe do capítulo “A importação do romance e suas contradições em Alencar”. Trata-se da nota 20, quase um ensaio, em que o crítico se lembra das teorizações de Walter Benjamin em “O Narrador”, retomando-as com linguagem própria - o que de quebra resulta num modo diferente de dificuldade para o entendimento de Benjamin - para enfocá-las no exame da situação específica da condição colonial, quando se dá a confluência da narrativa tradicional frente à ascensão do romance. Revela-se aí o paradoxo que se produz numa obra como a de Alencar, em que a defasagem causada pela importação do romance, relativamente à simplicidade e concreticidade da narrativa pré-capitalista, faz de suas soluções algo mais complexo que o romance europeu.

A lição de crítica literária e de reflexão que a densidade dessa leitura cerrada nos oferece não se limita somente às suas qualidades internas de rigor intelectual e de redação desmistificada com espírito anti-retórico e desempolado, num texto ágil, cuja racionalidade límpida e criativa é antídoto eficaz para o delírio verborrágico e fraudulento dos modismos intelectuais em que a falta de horizonte de nossa condição pós-moderna nos atola. Aqueles são apenas aspectos decorrentes de um processo coeso de interpretação, que, ao invés de sobrevoar tematicamente os elementos da literatura com abordagens meramente conteudistas, exteriores ao estético, procura justamente romper com esses enquadramentos divisionistas ao sondar a historicidade da forma. Ao invés

de recolher simploriamente nos romances analisados a expressão externa das ideologias autorais através do discurso dos narradores e de seus personagens, a interpretação sonda o nível entranhado e concretamente mais significativo das resoluções estéticas escolhidas pelos autores, procurando no *modo* de suas escolhas e andamentos de enredo a significação plena de sua historicidade. Sem o alarde fácil das estereotípias e sem o mascaramento sedutor das mistificações metafóricas e de suas mesmices, tais procedimentos revelam o avanço teórico e a contemporaneidade do empenho reflexivo, na disposição aberta e transdisciplinar muito além do *up-to-date*, evitando transformar o discurso teórico num vale-tudo respaldado no arcaico e inexorável relativismo, que a diluição hodierna apresenta como novidade.

O objetivo final desta comunicação é lembrar a força desse caminho. Imediatamente, damos conta do curso de mestrado a respeito, que oferecemos no último semestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN. Mediamente, o curso se relaciona com o nosso projeto de pesquisa *Formas Brasileiras*, um projeto por fases e, portanto, permanente, armado por lógica dedutiva a partir do que foi acima exposto: se José de Alencar e Machado de Assis tiveram que resolver esteticamente a nossa situação específica, incluindo aí a sensação das “idéias fora de lugar”, por consequência temos uma condição presente a toda produção cultural do país. No caso da literatura, é o que *Formas Brasileiras* se propõe a examinar, percorrendo gradativamente por esse prisma nossas manifestações mais relevantes.